

Tapetes de Mértola foram ao Porto

Durante dois dias, na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, do Porto, esteve patente uma mostra de tapeçarias da Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM), uma iniciativa que fica a dever-se à Cooperativa Cultural Gesto, daquela cidade nortenha, e que foi intitulada «Vêm aí os Mouros».

DAQUELA FORMA se fomenta o intercâmbio entre «celtas» e «mouros», isto é, entre Norte e Sul, se trocam culturas, tradições de raízes tão diversas, experiências, que fazem de nós o povo que somos.

Em Mértola têm estado grupos nortenhos com o seu artesanato, participando em trabalhos arqueológicos, em visitas a oficinas tradicionais. Foi agora a vez de a viagem se «fazer ao contrário».

Quem lucrou com tudo isto foram os alunos da Escola Soares dos Reis, sobretudo os das áreas dos têxteis. Eles enxamearam, durante dois dias, a sala da exposição e não deram tréguas a Helena Costa, que, sentada ao tear ali instalado, foi exemplo vivo da for-



A cultura «moura» existente no Alentejo esteve em exposição no Soares dos Reis (Foto arquivo DN)

ma de fabricar tapeçarias em uso desde sempre em Mértola.

Recuperar arte tradicional

Não eram muitos os exemplares expostos, mas significativos da excelência de uma arte que poderia perder-se, não fosse o trabalho da ADPM.

Jorge Reis, um elemento da Direcção daquela Associação, interessada em recuperar a

arte tradicional do Baixo Alentejo e preservar tudo quanto diga respeito ao património cultural, artístico e até da fauna e flora da região, percorreu com o DN a exposição. Aqui e ali parou para uma explicação e, simultaneamente, falar dos anseios da organização dos apoios da Gulbenkian, da UNESCO, da Câmara Municipal de Mértola, do esforço conjunto de todos para manter uma escola de tapeçaria e, por outro lado, permitir a constituição de uma

cooperativa de produção: dá já emprego a 35 pessoas tempo inteiro.

«Ali», explica-nos Jorge Reis, «estão os alforques tradicionais, feitos de lã, cor aliás, quase tudo aqui. Tem além as mantas simples e mantas graves. As primeiras com aqueles riscos ou fitas utilizadas pela generalidade das pessoas. As outras, também chamadas de moninhas, as usadas pelas pessoas, feitas de lã tingida.»

Numa e noutras sobressaem os tons castanhos. Mas há um exemplar de manta de rapulo, com urdidura, isto base, em linho e tapadura, relevo, de lã branca, tingida de azul. Aqui, o nosso colega deu-nos outra explicação: «Esta lã é tingida com tinta feita com plantas da região. Só uma senhora dali sabe tingir assim, mas já fizemos a recolha e podemos dizer-lhe que com o lã se obtém as tonalidades ou menos brancas, com o que da esteva se fixa...»

Depois, xalles, meias, e deiros usados para coar o leite com que se faz o magnífico queijo de Serpa.

Mas a invasão dos «mouros» não ficou por ali. A retar há ainda a apresentação de dois livros: «A Cerâmica Lúmica» e «A Fauna e Flora do Concelho de Mértola».